

UMA INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE OBJETO *a*

*Denise de Fátima Pinto Guedes**

RESUMO:

O artigo visa apontar alguns pontos facilitadores na obra freudiana e no ensino de Lacan para a invenção do conceito de objeto *a* que é feita a partir de *O Seminário, livro 10, A Angústia* (1962-1963) onde o conceito assume o papel de causa da angústia e causa de desejo. O conceito de objeto *a* traz grandes modificações para a psicanálise de orientação lacaniana e assume papel central para o estudo da constituição do sujeito, angústia e outros diversos temas.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto *a*. Psicanálise. Angústia.

* Denise de Fátima Pinto Guedes é Graduada em Psicologia pela UFJF, cursa a especialização Psicanálise: subjetividade e cultura pela UFJF. Atua com Psicanálise no CPA, vinculado à UFJF. Mestranda pela Universidade Federal de São João Del-Rey e Bolsista da CAPES. Endereço: Av. Santa Luzia 773. Santa Luzia - Juiz de Fora - MG. CEP: 36030-450. E - mail: dedeg8@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

*Como é pré-histórica¹ essa época em relação a emergência como tal do objeto *a*.
Este ainda não estava prefigurado senão na função de objeto metonímico,
mas o estava de maneira incontestável, para quem entendeu o que veio depois.*
(Lacan, 1968-69, p. 49)

A psicanálise instaura um discurso, e, por conseqüência, um saber passível de transmissão, não por ter uma estrutura de todo e sim por suas lacunas que fazem com que a cada novo encontro com a teoria e a prática clínica seja possível uma construção. Tal construção, que é particular por excelência, é própria do campo psicanalítico. Partindo deste princípio, Lacan, em seu retorno a Freud, buscou retomar a experiência psicanalítica, abordando o lugar central da falta, mais detidamente no que concerne a noção de objeto circunscrita pela psicanálise. Nesse caminho, há um aprofundamento da dimensão da falta e a construção de uma concepção de objeto que a inclua. Esse percurso abre lugar ao conceito de objeto *a* (Darriba, 2005, p. 64). Tal conceito adquire extrema importância na teoria e na prática psicanalítica e é formalizado, em um primeiro momento por Lacan, em seu texto dos *Escritos: Subversão do sujeito e dialética do desejo* de 1960, e posteriormente em *O Seminário, livro 10, A angústia*.

Em nosso trabalho monográfico², através dos textos de Freud, principalmente em *Sintoma, inibição e ansiedade* (1926) e *Ansiedade e vida pulsional* (1933), vimos que este coloca em foco a questão da separação, ligando a angústia à perda. A separação que Freud

¹ Lacan, neste ponto, faz referência ao *O Seminário, livro 6, Les désir et son interprétation*, de 1958-59, não traduzido ainda no Brasil.

² Trabalho monográfico apresentado a UFJF para a obtenção do título de Graduada em Psicologia e formação em psicólogo, no ano de 2008, intitulado “O que não engana – pontuações sobre a angústia e o objeto *a* em Freud e Lacan” orientado pela Professora adjunta Dra. Bianca Maria Sanches Faveret.

aponta é a do primeiro objeto de amor, essa que se repete a cada encontro com o objeto, sempre faltoso, marcando sua perda. Em outras palavras, trata-se de considerar que todo objeto é parcial, e que, por isso, tal busca se remete à *Coisa*, ou seja, é sempre uma busca pelo objeto primeiro, pela satisfação total, mítica. A repetição presente nessa busca do objeto é que traz a satisfação, ainda que parcial. Assim, podemos falar do objeto que representa a *Coisa*, um objeto sempre outro. No ensino de Lacan em o *Seminário, livro X, A Angústia* (1962-1963), acrescenta-se a questão do traço que se inscreve nessa repetição, nessa busca. A angústia, para Lacan, aparece relacionada ao desvelamento do objeto *a* para o sujeito, no lugar de resto da operação de divisão. Essa divisão é parte do processo que possibilita o surgimento de um sujeito, que para advir sofre uma perda fundamental marcada pela entrada na linguagem.

Intrigou-nos a radicalidade que é própria do conceito de objeto *a* e como este atravessa o ensino lacaniano e provoca uma reviravolta na articulação e no manejo dos conceitos fundamentais da psicanálise. Apostamos, que já em Freud haveria apontamentos para o que Lacan nomearia e formalizaria como objeto *a*. Acreditamos ser de extrema importância esmiuçar esse percurso.

DO OBJETO DA FALTA À FALTA DE OBJETO

*Tudo que se diz de mais moderno na dialética analítica gira em torno
da função fundamental do objeto
(Lacan, 1960-1961, p. 150)*

Freud, em seu texto "Projeto para uma psicologia científica" (1895), enfatiza que a "primeira" experiência de satisfação deixa marcas no psiquismo e, quando alguma experiência de desconforto se presentifica, há um apelo (grito) ao outro e esse outro dá um sentido a esse apelo, relacionando-o à fome, à dor, ao frio, etc. Posteriormente, ao longo da vida, há uma tentativa de resgate, de reencontro dessa primeira experiência. Mas, como sabemos, nessa primeira experiência, mítica, algo foi perdido, algo que não pôde ser representado, um resto, que se constitui como ponto de furo no psiquismo, que causa no sujeito a busca de um reencontro, um reencontro do objeto perdido. "Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma 'identidade perceptiva' – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade." (Freud, 1895, p. 595). É nessa busca que o desejo pode advir. Essa parte que se perde da primeira experiência de satisfação, Freud a chamou de *das Ding*, vazio por excelência, que não pode ser preenchido por nenhum outro objeto. Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) ressalta que:

As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga [...] [mas] a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza impacto momentâneo, mas *uma força que está continuamente em ação* [...] surgirá de imediato uma moção psíquica [...] Uma moção desta espécie é o que chamamos de desejo. (p. 594).

Esta força que se apresenta de forma constante no aparelho psíquico é a pulsão, que, por sua vez, possui objeto variável e se satisfaz através deste, que originalmente não está ligado à pulsão. Em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud ressalta que "é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e

tamanho rebaixamento de seu objeto” (p. 140). Sustentamos, portanto, com Freud, que a pulsão busca satisfação a partir da repetição, de um movimento que busca o *reencontro* com o objeto mítico.

Lacan, durante seu ensino, percorre os textos freudianos, principalmente os já citados acima, enfatizando a dimensão da falta do objeto (Darriba, 2005, p. 64). Em *O seminário, livro 4, a relação de objeto*, Lacan trabalha o fato de que o objeto em jogo para o sujeito não é harmonioso, ou seja, não é o objeto genital e sim um objeto apreendido na busca pelo objeto perdido (Lacan, 1956-1957, p. 13). Retomando Freud, Lacan enfatiza, no que se refere ao objeto da pulsão, que este é variável e por isso, não está fadado a satisfazê-la, apontando sempre em direção à falta a qual a noção de objeto em Freud remete. Ainda nesse mesmo seminário, Lacan destaca o lugar central da falta, no que concerne ao objeto na psicanálise e que este é apreendido pela via da busca do objeto perdido, busca frustrada, por excelência. Nas palavras de Lacan:

[...] no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não noutro ponto a que se procura. (Ibid., p. 13).

Um pouco mais adiante, em 1959, em seu *O Seminário, livro 7, a ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan aprofunda o universo da falta, trabalhando com o conceito de *das Ding*, indica que este é a falta na origem. Assim, a falta não é relativa a um objeto primordial, ela está na origem da experiência do desejo, ou seja, é causa, é condição de

possibilidade do mesmo, configura-se como uma falta central no registro do desejo, consistindo em centro e índice de exterioridade a um só tempo (p. 10).

Das Ding é o “Outro pré-histórico impossível de se esquecer”. Assim, a ‘Coisa’ é situada, nesse momento, como fora-do-significado e anterior ao recalque. No nível das representações inconscientes (*vorstellungen*), a *Coisa* não é nada, porém, literalmente, ela não é, distingue-se justamente como ausente e alheia, alguma *coisa* que só no nível do inconsciente uma representação a representa. Nessa direção, a falta passa a ser tomada como condição de possibilidade da mesma, a qual define, para a psicanálise, o terreno em que a trama do objeto se desenrola. Em razão disso, Lacan propõe que o que há em *das Ding* é o verdadeiro segredo.

Já em *O seminário, livro 8, a transferência* (1960-1961), Lacan, trabalha o termo *agalma* - enfeite, tesouro – como algo que está no interior e que se trata sempre de *outra coisa*. É neste texto que podemos situar a reformulação da relação do sujeito com o objeto de seu desejo e enfatizar também, que não devemos pensar o objeto do desejo como um objeto total, isto é, este que seria preenchido por um Bem³ e sim, como pivô, chave do desejo humano. Lacan pontua ainda que, se o objeto nos apaixona, é porque ali, escondido nele, está o objeto do desejo, o *agalma*. Esse objeto é sempre um objeto parcial. “È esta alguma coisa que é visada pelo desejo como tal, que acentua um objeto entre todos, por não ter comparação com os outros. É a essa acentuação do objeto que responde a introdução, em análise, da função do objeto parcial” (p. 149).

Em seu retorno a Freud, Lacan sustenta um percurso da falta do objeto e acabará por conceber um objeto da falta. A partir do conceito de *das Ding*, Lacan nomeia o objeto *a*, que se constitui como vazio, encarnando o lugar de resto e função de causa de

³ Aqui, Lacan faz referência ao conceito de Bem supremo trabalhado por Aristóteles.

desejo. Se Freud em *A interpretação dos sonhos* entende que “nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho anímico em ação” (p. 596), Lacan em *O Seminário livro 10, A Angústia* vai mais além, dizendo de um objeto anterior ao desejo, o objeto *a*, que seria a causa do desejo, já que o objeto é anterior ao desejo, ou seja, quando desejamos, desejamos algo, esse algo se remete ao objeto *a*.

Outro aspecto imprescindível a partir do conceito de objeto *a* são as nuances que ele adquire no ensino de Lacan, a angústia como sua tradução subjetiva (1962-1963), o objeto causa de desejo (1962-1963), o objeto da pulsão (1964), o resto da divisão do sujeito (1964), o lugar a ser ocupado pelo analista (1959-1960), como mais-de-gozar (1968-1969) e a sua localização no centro dos três registros (1974-1975), já no final do ensino de Lacan, o que só faz confirmar a importância em tomá-lo como ponto de investigação.

O CONCEITO DE OBJETO *a*

O objeto a é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão.
(Lacan, 1964, p. 101).

O objeto *a* se configura como produto da entrada na linguagem, da divisão que permite com que o sujeito advenha. Para Lacan o sujeito advém da introdução primária de um significante e formula uma imagem de si, enquanto eu, a partir do outro, a imagem de um corpo próprio (1962-63, p. 31). É o que Lacan aponta com o texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* de 1949, em *Escritos*⁴. Tal imagem é investida de libido, mas há

⁴ Neste texto Lacan trabalha o estádio do espelho como uma identificação, um processo onde há uma assunção jubilatória da imagem especular do sujeito antes de se tornar sujeito através linguagem. O estádio do espelho teria a função de estabelecer uma relação do organismo com sua realidade.

uma parte da libido que não passa pela imagem especular. Portanto, nessa imagem, que é formulada no campo do Outro, aparece um resto. Imaginariamente, no lugar desse resto, o falo entraria em cena, representando um lugar, um lugar de falta (- ϕ). E do outro lado, lado este que não podemos ver e que não é representado, ligado ao Real, estaria *a*, que escapa do status de objeto freudiano, derivado da imagem especular. Assim, *a* está nesse lugar de resto, como “aquilo que sobrevive da operação de divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (1962-63, p. 243) e é irreduzível na ordem da imagem.

O objeto *a* faz referência à falta, não sendo especular, nem apreensível na imagem. A falta, segundo Lacan, não existe no real e só seria apreensível através do simbólico. E é também através do simbólico e do imaginário que há a tentativa de preenchê-la. Lacan enfatiza, ainda, a irreduzibilidade dessa falta que é radical na própria constituição do sujeito. É a partir desse posicionamento que o objeto *a* assume sua função de causa de desejo. Na medida em que ele é sobra, Lacan o reconhece estruturalmente como objeto perdido. O objeto *a* “é o que lidamos no desejo e por outro lado na angústia” (Ibid., p. 179).

Em outras palavras, essa imagem constitui para o homem a imagem de seu desejo, isto porque é do lado do Outro que colocamos o que nos falta. Mas a imagem, a qual temos acesso, é senão uma imagem virtual, especular, refletida pelo Outro, de nós mesmos, sendo esta imagem *problemática e até falaciosa*. A imagem, tem portanto, a função de orientar e polarizar o desejo, e por conseqüência, nos organizamos em torno dessa imagem do *eu*.

Lacan pontua que viria desse processo em que a imagem é formulada a dificuldade do eu se diferenciar da imagem do Outro, ou seja, isso é meu ou é seu? Os objetos tornam-se então objetos de troca, objetos cotáveis, “são objetos anteriores a constituição do status do objeto comum, comunicável, socializado. Eis do que se trata, *a*.” (Ibid., p. 103). Alguns dos objetos se tornam de certa forma privilegiados como o cíbalo, o mamilo, o olho, a

voz e o nada, que darão origem mais tarde ao objeto enquanto anal, oral, escópico... Esses objetos são separáveis “porque já tem anatomicamente, um certo caráter artificial, por estarem agarrados ali” (p. 184) no corpo e encarnam uma espécie de vestimenta para o objeto *a*. É importante ressaltar que o objeto *a* e o objeto constituído a partir da relação especular, o objeto comum, são diversos.

Como já apontamos anteriormente, a respeito do estágio do espelho – processo em que se constitui uma imagem de um corpo próprio por intermédio do Outro – há algo que escapa e que causa uma perturbação no campo narcísico. A angústia seria a incidência dessa perturbação, a manifestação do objeto *a*. Percebemos que para circunscrever o conceito de objeto *a* é necessário fazermos uso do conceito de angústia. Em *O Seminário, livro 10*, Lacan, a partir do desenvolvimento do fenômeno da angústia, trabalha o conceito de objeto *a*. Lacan coloca que é somente a partir da angústia que temos acesso a uma tradução subjetiva de *a* (p. 119).

Lacan retoma que a angústia é um afeto que surgiria quando no lugar dessa falta, representada por $-\phi$ e correlata em outro lugar ao *a*, aparecesse algo. “E assim a falta viria a faltar” (Ibid., p. 52). Esse lugar ($-\phi$), sendo colocado como o lugar da angústia, constitui certo vazio, que nos é estruturante e é necessário preservar, apoio dado pela falta (Ibid., p. 67). Quando algo se manifesta nesse lugar, nos desorientamos. E é na medida em que esse vazio é visado, vazio este delimitado por uma borda, uma hiância, lugar onde se mostra o limite da imagem especular, que nos deparamos também com o lugar de eleição da angústia. Isso que surge, nesse lugar de falta, particular para cada sujeito, é algo que advém à partir de uma demanda neurótica, um engodo.

O sujeito coloca o *a* do lado do Outro, transportando também sua função, função de causa de desejo. Dito de outro modo, colocamos no Outro o que nos é precioso, o que nos causa. Assim, o neurótico deposita no Outro a esperança de que ele, o Outro, diga o

que lhe falta. Lacan coloca que o *a* dá acesso ao Outro, que desejar o Outro é desejar *a*. “Propor-me como desejante, *eron*, é propor-me como falta de *a*” (p. 198). Assim “ao persuadir o outro de que ele tem algo que pode nos completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta” (Lacan, 1964, p. 128). Lacan ressalta que o que é inapreensível para o sujeito é o objeto *a*. E que não seria a angústia de castração que constituiria um impasse supremo do neurótico, já que a castração em sua forma imaginária se apresenta representada por $(- \phi)$. O neurótico recua justamente da possibilidade de fazer da sua castração o que falta ao Outro, ou seja, fazer da castração algo de positivo, uma garantia da função do Outro (1962-63).

O surgimento do sujeito se dá a partir da introdução primária de um significante, o traço unário, que assume papel de marca formada a partir do S^1 (significante mestre) e da história particular de cada um. Mas, anteriormente a isso, há a presença do Outro⁵ (A), lugar do significante. O sujeito, então, advém a partir de uma estrutura que se coloca desde antes de seu nascimento, a estrutura da linguagem, já que, Lacan ressalta que a experiência se passa nesse campo. Ao entrar nesse campo, o vivo perde algo, algo que faz com que o sujeito apareça então, marcado, dividido, não-todo.

Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964) trabalha a constituição do sujeito utilizando-se da matemática e especificamente, da teoria dos conjuntos e suas operações de união e intersecção e do termo *vel* (e/ou). Lacan destaca o fato de que não se nasce sujeito e que este surgiria através das operações de alienação e separação na cadeia significante. E é a partir desse movimento, na dinâmica própria da linguagem, que se localizaria a causa do sujeito. Nas palavras de Lacan, “o efeito de linguagem é a causa

⁵ Conceito introduzido com o simbólico

introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da sua causa que o cinde.” (Lacan, 1960, p. 849).

Lacan trabalha com o fato de que há uma escolha forçada no advento do sujeito, e para que se entre na lógica da cadeia significante, ou seja, para que se dê a entrada na linguagem, o vivo sofre uma perda, perda que ocorre pelo fato do sujeito se reproduzir pela via sexuada. Assim, não há representação da diferença sexual no psiquismo, o sexual entra então representado por uma falta. Há aí duas faltas, uma ligada ao fato de que o significante está primeiramente ao lado do Outro e outra, a falta real, “o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Essa falta é real, porque ela se reporta a algo de real que é o que o vivo por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual” (p. 194).

A partir da entrada na linguagem, escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso, ou seja, vemos que o sujeito só pode ser conhecido no lugar do Outro, mas uma perda está envolvida, perda necessária ao processo de alienação. Para que o sujeito surja, deve haver então uma redução desse sujeito a não ser mais do que um significante, significante que, no entanto, não é suficiente para representá-lo, razão pela qual há uma *afânise*⁶ do sujeito, algo de perda de seu ser ao se alienar ao significante (1964).

No processo de alienação, é interessante destacarmos, que a partir da representação que é dado ao sujeito pelos significantes do Outro, há a possibilidade que uma pergunta surja. Esse questionamento vem justamente abrir caminho para que se interrogue o sentido disso que o Outro quer de mim, e mais, a partir disso que o Outro fala, o que será que ele quer dizer? É “nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele me diz isso, mas o que é que ele quer?” (Ibid., p.

⁶ Termo originalmente da obra de Ernest Jones onde é trabalhado como um *temor de desejar*. Lacan trabalha o termo no sentido do desaparecimento do sujeito enquanto sujeito dividido e desejante.

203). Esse movimento já nos remete ao processo de separação que só é realizado em consequência a uma falta com que o sujeito se depara no Outro.

A partir das operações de alienação e separação, Lacan acrescenta que o campo do Outro não é todo significante e que há um núcleo que não é significantizável, uma falta. Há de um lado o campo do vivo - anterior ao sujeito - onde a pulsão se manifesta, e do outro lado o campo do Outro - lugar da linguagem - mas nos dois campos *se faz presente* a falta. Vazio que não pode ser preenchido pela palavra, um núcleo, o objeto *a*. O objeto *a*, como vemos, está ligado à separação, não só no corpo, mas nas próprias operações de constituição do sujeito. A falta está do lado do sujeito pelo o fato de ele não poder ser inteiramente representado no Outro, havendo um resto, do lado do Outro pelo o fato de ser necessário pelo menos dois significantes para que algo possa se fazer representar. E é a partir da relação do sujeito com o Outro que o objeto *a* se constitui como resto, em relação à cadeia significante.

Não é sem motivos que Lacan trabalha o objeto *a* como um covo, um vazio a ser ocupado, objeto da pulsão que é contornado por ela a fim de se obter satisfação. Nas palavras de Lacan:

[...] esse objeto, que de fato é apenas a presença de um covo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo. O objeto *a* minúsculo não é a origem da pulsão oral... é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante. (Ibid., p. 170).

Por fim, como observamos, é indispensável percorrer o percurso que levou Lacan a formalizar o conceito de objeto *a*, que remete a falta que nos é constituinte e é própria da experiência analítica.

CONCLUSÃO

[Freud] nos deu esse saber em termos que se podem dizer indestrutíveis, uma vez que, depois que foram emitidos, suportam uma interrogação que, até o presente, jamais foi esgotada.
(Lacan, 1964, p. 221).

Lacan, em muitos pontos da teoria, enfatiza o perigo de se tomar a psicanálise, e mais precisamente o inconsciente, por um fundo de totalidade, como algo a ser suturado. Podemos perceber isso claramente, por exemplo, em seu *O Seminário, livro XI, os quatro conceitos fundamentais* (1964) quando, ao retomar os conceitos fundamentais, enfatiza que “a diferença que garante a mais segura subsistência do campo de Freud, é que o campo freudiano é um campo que, por sua natureza se perde” (p. 122).

Lacan pontua que essa perda além de sustentar a psicanálise faz do analista sua testemunha. É uma perda que porta a retomada da função de pulsação, abertura e fechamento, do inconsciente. Isso acontece em uma zona de sombra que acaba por reforçar um obscurantismo evidenciado nas práticas, há muito tempo já refutadas, aquelas em que predominam as funções do eu. Ainda sobre o inconsciente freudiano, Lacan pontua que este “se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação” (p. 27), sendo da ordem do não-realizado, uma dimensão que tem de ser renovada, lembrada, para que não se corra o perigo de psicologizar a teoria psicanalítica, ou seja, suturar essa hiância.

Essa perda que sustenta a psicanálise será encarnada na experiência analítica pelo objeto *a*. Assim, a partir da formalização do objeto *a*, tanto a clínica, quanto a teoria

psicanalítica sofrem incidências do conceito, o que torna necessário o repensar das análises e, principalmente, da formação do analista e de seu posicionamento frente a seus pares.

Esse atravessamento que ocorre da falta de objeto para o objeto da falta, trazendo o conceito de objeto *a*, nomeia a falta que é apresentada ao sujeito na experiência da análise. “Com o objeto *a*, o conceito se propõe a não emudecer o real que irrompe a cada abertura e fechamento, a psicanálise assumindo um potencial de permanente reinvenção” (Darriba, 2005, p. 74).

Como sabemos a busca pela significação não é a direção do tratamento psicanalítico. O que deve ser visado no processo de análise é o real, ou mais precisamente o que visamos é a possibilidade de fazer algo com o real, o objeto *a*, isso que aponta para o não senso, o que no discurso do paciente lhe traz angústia e causa seu desejo. O analista visa uma interpretação, mas não uma interpretação qualquer, e sim os pontos de impasse a partir dos quais o *a*, esse indizível, vem se desvelar, imagem de *a*, que do lado do analista surge como interpretação e do lado do analisante como causa de desejo. Convém lembrar que o processo da análise visa o esvaziamento do gozo a partir do desvelamento do objeto *a*, enquanto vazio, não-sentido, causa de desejo. O trabalho que se realiza em análise, é o trabalho do sujeito que emerge na fala do analisante, nas sucessivas voltas em que revisita o momento traumático que o funda como sujeito. É nesse caminho que ele pode “tratar” o real pelo simbólico ou, melhor dizendo, reinventar o real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARRIBA, V. “A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto *a*”. In: *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 64, 2005.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. vol. I.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. vol.V.

_____. (1905). *Três Ensaios sobre a sexualidade*. vol. VII.

_____. (1915). *O instinto e suas vicissitudes*. vol. XIV.

_____. (1926). *Inibição, sintoma e ansiedade*. vol. XX.

_____. (1932). *Ansiedade e vida pulsional*. vol. XXII.

LACAN, J (1949). “O estagio do espelho como formador da função do eu” .In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1956-1957). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. (1960). “*Subversão do sujeito e dialética do desejo*”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1960-64). “*Posição do inconsciente*”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

AN INTRODUCTION TO THE OBJECT a CONCEPT

ABSTRACT:

This article aims to show some points in Freudian writings and in Lacan's teaching that might have contributed for the elaboration of the concept of *object a* which is done from The Seminar, Book 10, The Anguish (1962-63) on. Here the definition of *object a* is connected with anguish cause and desire cause. The concept of *object a* brings significant changes for Lacan's psychoanalysis and has an important role for the study of how the subject is constituted as well as for the understanding of anguish and some other topics.

KEYWORDS: Object *a*. Psychoanalysis. Anguish.

UNE INTRODUCTION À LE CONCEPT D'OBJET *a*

RÉSUMÉ:

L'article a comme objectif indiquer quelques points dans l'œuvre freudienne et dans l'enseignement de Lacan qui facilitent l'invention du concept d'Objet A qui est faite à partir de « Le Séminaire, livre X: L'angoisse » (1962-63), où le concept assume le rôle de cause de l'angoisse et cause du désir. Le concept d'Objet apporte de grands changements pour la psychanalyse d'orientation lacanienne et il acquiert le rôle central au étude de la constitution de l'individu, de l'angoisse, et d'autres divers sujets.

MOTS-CLÉS: Objet. Psychanalyse. Angoisse.

Recebido em 02/11/2009

Aprovado em 18/04/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista